

Por uma mulher. Receção de um tópico homérico nos *Atos de Paulo e Tecla*

For a woman. Reception of a Homeric topic in the *Acts of Paul and Thecla*

Carlos Pereira

Centro de História da Universidade de Lisboa

cdgpereira@campus.ul.pt

ORCID: 0000-0002-2251-4913 | Ciência ID: 3318-1633-6EE6

Palavras-chave: Agamémnon, amor, Aquiles, Briseida, ciúme, cólera.

Keywords: Agamemnon, love, Achilles, Briseis, revenge, anger.

Introdução

Na *Iliada*, uma jovem donzela, de seu nome Briseida, está no centro do desentendimento entre dois homens, Aquiles e Agamémnon, pois ambos estão perdidos de amor por ela e tudo procuram fazer para conseguirem conquistá-la. Não fosse a filha de Briseu uma mulher atraente e bonita e talvez o desfecho tivesse sido outro. Com a publicação de vários estudos de Jan N. Bremmer (Bremmer, 2021, 1998) e James K. Elliott (Elliott, 2018), foi possível começar a perceber o alcance que a literatura grega, em particular o romance do século II d.C., teve nos denominados textos apócrifos cristãos, em particular nos *Atos dos Apóstolos*. Pese embora a convergência de temas entre o género romanesco e os apócrifos cristãos, Dennis MacDonald (MacDonald, 1994) já tinha chamado a atenção, num livro publicado nos anos 90 do século XX, para a integração de outro tipo de produção literária, como a epopeia, os textos filosóficos, a par da tragédia e da comédia gregas, no estudo, por exemplo, dos *Atos de André*.

Ora, nos *Atos de Paulo e Tecla* encontra-se uma história semelhante à que é contada em Homero. Uma bela mulher, virgem e reputada cidadã de Icónio, cujo nome é Tecla, foi cobiçada por dois homens em fases distintas da história. Falamos de Tamírides, em Icónio, e de Alexandre, em Antioquia da Pisídia. Apesar de as narrativas grega e cristã terminarem de forma distinta, certo é que há vários pontos em comum, nomeadamente a utilização de vocabulário e a forma como as personagens são descritas. Este ensaio visa, precisamente, analisar a influência de um tópico homérico – dois homens que se sentem atraídos por uma mulher – num texto apócrifo cristão, os *Atos de Paulo e Tecla*, alegadamente produzido

entre os séculos II-III d.C. Pretendemos também demonstrar que, não obstante o peso que o romance grego teve nos *Atos de Paulo e Tecla*, o autor ou autores deste texto podem ter-se inspirado na *Ilíada*, e mais concretamente na história de Briseida, Aquiles e Agamémnon, para mostrar que tipo de ideias estavam a florescer no cristianismo primitivo a propósito da vivência do amor e da sexualidade. Este exercício de comparação do tópico tem a sua pertinência dada a importância dos textos homéricos na cultura antiga, em particular no cristianismo das origens e no período pós-apostólico no qual surgem os *Acta Apocryphorum*. Do ponto de vista estrutural, na primeira parte deste estudo faremos uma apresentação biográfica das personagens Briseida e Tecla, tal qual nos é dado a saber na *Ilíada* e nos *Atos de Paulo e Tecla*. Seguidamente analisaremos os principais *topoi* de ambas as narrativas. Como notas metodológicas, salientamos que as siglas dos textos clássicos e do texto apócrifo utilizado estão de acordo com as regras do *The SBL Handbook of Style*. Para as citações da *Ilíada*, seguimos a tradução portuguesa elaborada por Frederico Lourenço (Lourenço, 2012); para as citações do texto grego, seguimos a edição de Anthony Tauber Murray (Murray, 1963). Em relação aos *Atos de Paulo e Tecla*, recorremos à edição bilingue preparada por Antonio Piñero e Gonzálo del Cerro (Piñero & Cerro, 2005). Como último apontamento, de referir que As obras *A Arte de Amar* (André, 2006a) e *Amores* (André, 2006b), de Ovídio, têm como referência a tradução de Carlos Ascenso André.

Quem é Briseida?

Importa compreender, em primeiro lugar, quem é esta personagem da epopeia homérica. Briseida era filha de Briseu (*Il* 1.392; 9.132), nome que pode derivar, como salienta Marco Fantuzzi, ou de Briseia, cidade da Lacedemónia (*Il*. 2.583) ou do nome do seu progenitor (Fantuzzi, 2012, p. 100). Pouco se sabe a respeito desta personagem. O nome do pai de Briseida ocorre três vezes na *Ilíada* (*Il*. 1.392; 9.132; 9.274): no primeiro caso a referência é feita por Aquiles a propósito da distribuição dos despojos de guerra e de Briseida ter sido a mulher que lhe foi atribuída. As duas últimas ocorrências estão no Canto 9, sendo que uma delas é o juramento feito por Agamémnon sobre a devolução de Briseida e a recompensa que pretende dar a Aquiles; a outra é a reprodução desta promessa pela boca de Ulisses a Aquiles. Briseu ora é apresentado como monarca de Léleges, uma cidade localizada na Cária, ou como sacerdote do deus Apolo, em Lirnesso (Grimal, 2005, p. 63).

Foi durante a expedição à Tróade que Aquiles conquistou, destruiu e saqueou Lirnesso (Fantuzzi, 2012, p. 106) com “grandes esforços” (*Il*. 2.690), a que se juntou outro rol de cidades como Pédaso e Tebas (Hertel, 2011, p. 432; Fantuzzi, 2012, p. 100; Sobre a localização destas cidades, ver Dué, 2002, p. 24, nota 15). Lirnesso era uma cidade estrategicamente importante. Localizada a nordeste dos limites de Troia e perto do Monte Ida (*Il*. 20.189), esta era “a cidade do divino Mines” (*Il*. 19.296), que era o rei local (Fantuzzi, 2012, pp. 124-125) e filho de Eveno (*Il*. 2.692). Mas nem tudo é assim tão linear, pois como lembra Casey Dué, há várias versões da história de Briseida. Por exemplo, uma das tradições que sobreviveu refere que a jovem chamava-se Hipodamia e foi tomada por Aquiles, não em Lir-

nesso, mas em Pédaso (Dué, 2002, pp. 21-25). Tendo em conta a multiplicidade de relatos, a *Iliada* fornece um retrato superficial da filha de Briseu? É uma questão, em nosso entendimento, relevante e a ser problematizada, pois poderemos estar perante uma “*pale shadow*” da representação de Briseida, como assinala Linda Molli (Molli, 2022, pp. 1-9)¹.

No que aos feitos militares diz respeito, nomeadamente a pilhagem ou conquista de novas *poleis*, o ponto alto da história do guerreiro grego tem que ver com o facto de ele ter levado consigo de Lirnesso uma “presa”² (assim é aludida por Aquiles), aparentemente muito apetecível (*Il.* 19.60): Briseida (Létoublon, 2011, p. 35). Nestas assinaláveis conquistas, o “guerreiro da Tessália”, como é designado por Ovídio na obra *Amores* (*Am.* 2.7), foi “auxiliado por Atena e por Zeus” (*Il.* 20.192). Mas é no Canto 19 da *Iliada* (19.291-94; Fantuzzi, 2012, p. 100) que Briseida, em diálogo com Pátroclo, conta sucintamente a história da sua família e faz uma pequena alusão à intervenção do seu pai e da sua mãe naquele que viria a ser seu destino: ficar cativa de Aquiles, aspeto que analisaremos adiante. O texto homérico apresenta Briseida como uma mulher de rara beleza, equiparável à da “dourada Afrodite”, χρυσή Ἀφροδίτη (*Il.* 19.282). Não são poupados elogios quanto à formosura da jovem, nomeadamente o seu “lindo rosto”, καλλιπάρηον (*Il.* 1.184; 1.323; 1.346; 19.246; 19.285; 24.676; Fantuzzi, 2012, p. 115), os seus “peitos”, στῆθη (*Il.* 19.285), o seu “pescoço macio”, ἀπαλὴν δειρήν (*Il.* 19.285), a sua “bela cintura”, εὐζώνοιο γυναικὸς (*Il.* 1.429) e o seu “lindo cabelo”, εὐκόμη (*Il.* 2.689). Perante este quadro geral, pode admitir-se que Briseida era o sonho de qualquer homem e, nas palavras de Aquiles, a “donzela lindíssima”, περικαλλέα κόρην (*Il.* 16.85), que havia de ser a causa do diferendo com Agamémnon.

Briseida cobiçada e disputada por Aquiles e Agamémnon

Como demos conta anteriormente, Briseida foi tomada por Aquiles em Lirnesso. Aquiles estava satisfeito com a sua conquista e tudo parecia correr bem ao filho de Tétis até ao momento em que o Atrida reclama para si a filha de Briseu (Felson and Slatkin, 2004, p. 93). Como frisam Nancy Felson e Laura M. Slatkin (Felson and Slatkin, 2004, p. 93), o desentendimento entre Agamémnon e Aquiles tem um precedente, cujo nome é Criseida, filha de Crises, sacerdote de Agamémnon (*Il.* 1.12). O Atrida é obrigado a devolver a sua cativa, Criseida, De acordo com o texto homérico, o pai da jovem Criseida implorou a Apolo para que ela regressasse a casa (*Il.* 1.37-42). Agamémnon devolve a rapariga, assumindo mesmo que a sua esposa Clitemnestra “em nada lhe é inferior” (*Il.* 1.114). No entanto, o Atrida é muito claro: “Preparai para mim outro prémio, para que não seja só eu entre os Argivos que fico sem prémio, pois tal seria indecoroso. Pois vedes todos vós como o meu prémio vai para outra parte” (*Il.* 1.118-20). E assim

¹ Trata-se de um tema do maior interesse, mas, de momento, ultrapassamos estas problemáticas atinentes à natureza dos *corpora* e focamo-nos apenas no texto homérico de referência.

² No passo de *Il.* 19.60 é aplicado o verbo αἰρέω. Este verbo tem uma ampla gama de significados, sendo que um deles é “capturar uma presa” (Diggle, 2021, p. 36).

aconteceu tal como estava determinado: “Criseida de lindo rosto” (*Il.* 1.143) foi devolvida (*Il.* 1.183). Porém, insatisfeito, e querendo demonstrar que era mais forte do que Aquiles (*Il.* 1.186), Agamémnon refere que, se fosse preciso, iria ele próprio à tenda do seu oponente buscar a donzela Briseida (*Il.* 1.184).

O Atrida estava a reclamar nada mais nada menos do que a donzela de Lirnesso, Briseida (Lateiner, 2004, p. 15). Eis que começa uma “rivalidade por uma mulher”, segundo as palavras de Maria Helena da Rocha Pereira (Rocha Pereira, 2014, p. 116). Para não agudizar mais a situação, o Atrida não foi em pessoa à tenda de Aquiles. Em vez disso, enviou os seus arautos e escudeiros Taltíbio e Euríbatos (*Il.* 1.321). É Pátroclo quem traz Briseida, mas o texto aponta um dado curioso, ao referir que a jovem foi embora “contrariada”, *aékousa* (ἄεκουσα), uma palavra com grande peso no texto (*Il.* 1.348; Dué, 2002, p. 24; Rocha Pereira, 2014, p. 120). A que se deveria esta relutância? Haverá aqui um sinal de amor de Briseida por Aquiles? Na resposta a estas nossas duas interpelações, Marco Fantuzzi refere que o passo de *Il.* 1.321 é crucial para tirar uma conclusão deste género. Afinal, Briseida estava conformada com a situação, sentia-se bem com o guerreiro e, portanto, não havia motivo para modificar este *status quo* (Fantuzzi, 2012, pp. 117, 133). Aquiles fica abatido com a partida de Briseida e chora por ela. Esta tristeza é bem lembrada por Ovídio: de acordo com o autor romano, Aquiles “arde de tristeza, por Briseida que lhe foi tirada” (*Ov. Am.* 1.9.).

Em momentos de dor, são as mães que tentam sossegar o coração dos seus filhos e na *Ilíada* não é exceção. É Tétis quem vem em auxílio do filho e lhe dá o consolo que ele tanto precisa. O guerreiro explica à sua mãe os motivos para aquele pranto (*Il.* 1.355-56; 366-69; 389-92): Briseida tinha-lhe sido tirada “à força e à sua revelia” (*Il.* 1.431) e isso iria levá-lo a sofrer muito por ela, como o texto dá a entender (*Il.* 2.686-90). É esta zanga entre Aquiles e Agamémnon que fomenta a discórdia e cólera do guerreiro da Tessália (*Il.* 1.184; 9.255, 260-61; 19.62). Nestor e Ulisses ajudarão a resolver o problema. O ancião Nestor aconselha Agamémnon a aplacar a ira de Aquiles. E assim acontece: o Atrida jurou oferecer vários presentes a Aquiles, nomeadamente lindíssimas mulheres de Lesbos, entre as quais estaria a “filha de Briseu” (*Il.* 9.132). Havia também um outro juramento a fazer: “E jurarei também um grande juramento: nunca com ela fui para a cama nem a ela me uni como é norma entre os humanos, homens e mulheres” (*Il.* 9.132-34). Esta promessa era muito importante, uma vez que era uma forma de salvaguardar a sua honra. Ulisses fala com Aquiles e explica-lhe o que Agamémnon pretende fazer, mas nem assim o guerreiro fica convencido com as suas boas intenções (*Il.* 9.344). É que, como refere Aquiles, ainda que Briseida fosse sua cativa, ele estimava-a e amava-a (*Il.* 9.341-43).

Não foi só a relação entre os dois guerreiros que ficou beliscada. A cólera de Aquiles repercutiu-se e muito no campo de batalha. A inflexibilidade do guerreiro, e diríamos até do seu orgulho ferido, estava a provocar enormes baixas no combate contra os Troianos. Pátroclo repreende Aquiles pela sua postura, que se recusa a “evitar a morte vergonhosa dos Argivos” (*Il.* 16.32). Na resposta a Pátroclo, o guerreiro assume a sua insensibilidade, “mas esta dor amarga se apoderou do meu coração, desde um momento em que um homem quis defraudar outro que é seu igual, tirando-lhe o prémio, por pelo o poder lhe ser superior” (*Il.* 16.52-54;

Para uma análise deste passo, ver Míguez Barciela, 2010, p. 18). Face a esta troca de argumentos, Aquiles diz a Pátroclo que culpa é do Atrida e do seu desejo de superioridade. Além dos interesses pessoais de ambos, o que estava em causa era, igualmente, o interesse público, porque estes atritos por causa de Briseida afetaram o conflito entre Aqueus e Troianos (Rodrigues, 2013, pp. 79-80).

Era preciso pôr termo à ira de Aquiles. Agamémnon cumpre o que prometeu, tendo feito o juramento na ágora perante Aquiles e o resto dos Argivos (*Il.* 19.249-55), no qual referiu que não se tinha envolvido sexualmente com Briseida (*Il.* 19.258-65). Briseida não se deitou com Agamémnon, mas tê-lo-á feito com Aquiles. Num passo de *A Arte de Amar*, de Ovídio, é referido que Briseida terá permitido que Aquiles lhe tocasse, ainda que ele trouxesse as mãos sujas de sangue frígio (*Ov. Ars Am.* 711-14; Fantuzzi, 2012, p. 160). Porém, ainda bem que assim foi e que o Atrida se absteve de qualquer envolvimento. Este passo em que Agamémnon confessa ter resistido aos desejos carnaís e mantido a honra da sua cativa é extremamente importante e remete-nos, entre outras matérias relevantes, como o problema da violação das mulheres em cenários de guerra. Como assinala Nuno Simões Rodrigues, a donzela de Lirnesso escapou ilesa àquele que era o destino da maioria dos elementos do sexo feminino (Rodrigues, 2006, p. 117), ou seja, um envolvimento forçado e sem consentimento.

E, no fim de contas, tudo teria valido a pena? Será que o interesse por uma mulher devia sobrepor-se à relação de amizade entre Aquiles e Agamémnon? A resposta está no Canto 19 e quem no-la dá é Aquiles:

“Atrida, será que foi isto a melhor coisa para ambos, para ti e para mim, quando cheios de dor no coração em conflito devorador do ânimo nos zangámos por causa de uma rapariga? Quem me dera que nas naus Ártemis a tivesse morto com uma seta, no dia em que tomei como presa depois de saquear Lirnesso! Não teriam sido tantos os Aqueus a morder com os dentes a ampla terra, sob mãos inimigas, por causa da minha cólera” (*Il.* 19.56-62; Lourenço, 2012, p. 387).

Exatamente, tudo “causa de uma rapariga” ou, se assim se preferir, tudo por uma mulher. Consideramos que a maior lesada nesta história de amor, ciúmes e vingança é mesmo Briseida. A donzela lamenta a morte de Pátroclo, ele que tinha prometido à filha de Briseu que faria dela “esposa legítima do divino Aquiles” (*Il.* 19.299). Este passo é, segundo Rodrigues, um exemplo elucidativo que nos permite perceber “que a concubina podia vir a tornar-se esposa do seu senhor” (Rodrigues, 2006, p. 116; veja-se também p. 117). Briseida acabou por ficar com Aquiles, todavia resta saber se terá ficado como sua mulher ou como prémio de guerra. No Canto 24, o guerreiro recolhe à sua tenda e ao seu lado fica Briseida (*Il.* 24.675-76). Para Aquiles, a jovem Briseida (κόρη) já não era apenas um prémio de guerra (γέρας), ela era a sua mulher (ἄλοχος). Mas o fim seria trágico. Com a morte de Pátroclo, Aquiles regressou ao combate. Briseida não lamenta apenas a morte do companheiro de Aquiles: ela lamenta-se e chora porque pressagia a morte do guerreiro e, de certa forma, o fatídico desfecho da história (Dué, 2007, pp. 236-237). O casamento de ambos fica por realizar e esta cena do último canto, como refere Wright (Wright, 2016, p. 117), é talvez o que melhor se pode assemelhar a um casamento feliz.

Quem é Tecla e o que tem ela que ver com Briseida?

Falemos agora de Tecla, a protagonista dos *Atos de Paulo e Tecla*. Esta jovem virgem (παρθένος) vivia em Icônio com a sua mãe, tendo sido prometida em casamento a Tamírides (*Acts Paul* 7.1; 13.1-2; 15.2), um homem importante da cidade. Porém, com a chegada de Paulo a esta *polis*, o cenário muda radicalmente (7-8). Tecla não pretende contrair matrimónio com o seu pretendente porque Paulo tinha pregado a favor da castidade e da conservação da pureza da carne (5.1). Numa das bem-aventuranças (5.2), o apóstolo regozija-se pelas mulheres que se abstiveram de relações sexuais (Frenschkowski, 2017, p. 136). O texto é um pouco comedido na descrição de Tecla, mas nem por isso deixa de ser menos elogioso. Tecla não era uma mulher qualquer, mas a narrativa é um pouco ambígua na apresentação biográfica da personagem: ela ora refere que é “uma serva de Deus”, θεου δούλην (26.2; 37.1; 38.2) ora se autodenomina como “cidadã primeira de Icônio”, Ἰκονιέων εἰμι πρώτη (26.2). Carmen Ubieta considera que a narrativa vai dando ênfase à figura de Tecla, ao passo que o peso que Paulo tem na história diminui. De acordo com a autora “The narrative portrays her as determined, steadfast, courageous, energetic, verbose and increasingly independent of Paul” (Ubieta Bernabé, 2022, p. 138). Que Tecla era uma mulher relevante e com algumas posses, disso não parece haver dúvidas, uma vez que em 10.2 as suas servas lamentam-se por terem perdido a patroa (κυρία) e em 18.1 a jovem oferece joias ao guarda da prisão e um espelho de prata ao carcereiro (sobre o estatuto económico de Tecla, ver Bain, 2011, pp. 66-69).

Quando é condenada ou à fogueira ou *ad bestias*, Tecla é designada de “ímpia”, ἀνομή (20.2), “inimiga do matrimónio”, ἀνυμφή (20.2) ou então como “sacrílega”, ἱερόσυλος (28.1). No que diz respeito à descrição física, o texto poupa-se a pormenores, mas realça-se pontualmente a beleza do seu corpo (26.1; 29.2). Tecla era ainda uma mulher “graciosa”, εὐμορφος (25.1). Na perícope da condenação às feras, o governador chega mesmo ao ponto de chorar e lamentar o que iam fazer com Tecla porque “as focas iam devorar uma tal formosura”, τοιοῦτον κάλλος (34.2). Outro tópico importante tem que ver com a nudez³ e a impossibilidade de ver o seu corpo (33.1; 34.2). Tecla foi uma personagem de monta na história do cristianismo das origens pelo facto de ela ser, por um lado, a “protomártir” e também a “primeira apóstola” (πρωτομάρτυς; ἀπόστολος, 45.50) e pregadora (39.2; cf. 41.1 em que é Paulo que incumbe Tecla dessa tarefa), ainda que este último aspeto seja objeto de discussão (ver e.g. Lehtipuu, 2022, p. 154). Tecla é também o

³ A valorização da beleza e da nudez de Tecla pode ser, do nosso ponto de vista, comparada à história de Frine, uma cortesã que escapou a uma acusação de impiedade graças à intervenção do orador Hiperides que realçou a formosura do corpo da condenada. A perícope é usada por Ateneu, *Deipnosophistae* (*Deipn.* X, 590 d-e) e por Pseudo-Plutarco, *Vitae Decem Oratorum* (*Vit. X orat.* 849 d-e). Segundo Craig Cooper, “both versions ultimately derive from the third-century biographer Hermippus (ca 200 B.C.) who adapted the story from Idomeneus of Lampsacus (ca 300 B.C.). In both cases it is reported in the context of a longer discussion of Hyperides’ love affairs.” (Cooper, 1995, p. 304).

modelo da mulher virgem que permaneceu pura, cujo exemplo serve para ambos os sexos (Brown, 1988, p. 159).

Mas o que terá Tecla que ver com Briseida? Aparentemente estamos perante dois mundos distintos: o mundo cristão dos séculos II/III d.C. e o mundo homérico, eventualmente o do século VIII a.C. No entanto, Tecla e Briseida têm bastante em comum. São duas jovens belas, muito atraentes e, consequentemente, muito cobiçadas por dois homens. Estas são também duas mulheres dependentes dos homens. Tecla foi prometida em casamento a Tamírides. Relembramos que Briseida também desejava torna-se esposa de Aquiles. Em suma: Tecla e Briseida, ainda que provenham de contextos diferentes, são duas mulheres que despertam a atenção de dois homens e são, em nosso entendimento, duas personagens representativas da forma como era vivida a sexualidade na Grécia homérica e no cristianismo primitivo, respetivamente.

Tecla prometida a Tamírides e desejada por Alexandre

Havia uma incompatibilidade entre a função de Tecla como futura esposa de Tamírides e Tecla como pregadora cristã. A jovem de Icónio queria ser independente e escapar do domínio patriarcal e, inclusivamente, da influência do mesmo na vivência da sua sexualidade (Parkhouse, 2017, p. 575). Tamírides pretendia ser o marido dela, mas o *kérygma* do apóstolo estava a colocar tudo em causa. Com uma pregação assente na pureza, na castidade e na ressurreição, ideais presentes nas bem-aventuranças que Tecla ouviu da janela do seu quarto (5-6), Paulo veio reconfigurar os padrões sociais até então vigentes num claro apelo ao ascetismo (Clark, 1995, p. 367): “Bem-aventurados os que conservam a sua carne pura (οἱ ἀγνὴν τὴν σάρκα τηρήσαντες), uma vez que serão templo de Deus.” (5.2); “Bem-aventurados os castos (ἐγκρατεῖς) porque Deus falará com eles.” (5.2); “Bem-aventurados os que por amor a Deus se afastaram das aparências do mundo porque eles julgarão os anjos e serão glorificados à direita do Pai.” (6.1); “Bem-aventurados os corpos das virgens (τὰ σώματα τῶν παρθένων), porque agradarão a Deus e não perderão a recompensa da sua pureza (τὸν μισθὸν τῆς ἀγνείας αὐτῶν).” (6.2). Embora houvesse várias perspetivas entre os cristãos sobre a observância do celibato, poder-se-á admitir que narrativa dos *Atos de Paulo e Tecla*, de teor encratita, defende que prescindir das relações sexuais e renunciar ao matrimónio eram condições *sine qua non* para o crente poder ressuscitar? Em nosso entendimento, o texto dos *Acta* deixa várias pistas: a) Paulo prega, em casa de Onesíforo, sobre “a continência e a ressurreição (ἐγκρατείας καὶ ἀναστάσεως)” (5.1). Neste binómio parece ficar clara a ideia de que o apóstolo não dissociava a ressurreição do corpo sem uma prévia condição de virgindade ou de abstinência sexual, ainda que se possa admitir que a conjunção *καί* esteja a separar os dois elementos do programa teológico de Paulo; b) Onesíforo e Lectra eram um casal e tinham dois filhos; é verdade que em nenhum momento da história Paulo critica a vida conjugal de ambas as personagens, no entanto isso não significa que o apóstolo fosse apolo-gista do matrimónio; c) a última bem-aventurança mencionada (6.2) remete para uma compensação *post mortem* para as virgens, provavelmente a ressurreição; d) a afirmação categórica de que sem continência não há ressurreição é feita por

dois acusadores: Dimas e Hermógenes, companheiros de Paulo (12.1). Tendo em conta estas premissas, consideramos que Paulo defendia um modelo de vida consagrada a Deus assente na pureza do corpo cuja finalidade era a ressurreição (para uma discussão crítica deste assunto, cfr. Snyder, 2021, pp. 112-113 e Clark, 1995, pp. 366-367).

Por conseguinte, além de Paulo, Tecla também desafiou a sociedade do seu tempo ao querer abdicar do casamento em prol de uma causa que os seus familiares e o seu pretendente não conseguiam compreender:

“Contrary to what was expected from a young fiancée, she obeys neither her mother nor her future husband, refuses to marry, and is determined to follow Paul despite his doubts about her perseverance and endurance. Thecla remains self-confident and adheres to a way of life that causes her to leave her home and city and to ignore social conventions and expectations that her family and the whole city place on her as a woman.” (Ubieta Bernabé, 2022, p. 137).

Tamírides faz tudo o que pode para desviar a atenção de Tecla, mas sem êxito. Teocleia já não consegue demover a filha e, por isso, resolve discutir o assunto com o seu hipotético genro (9.1-2). Tamírides ainda tenta falar com a sua prometida, mas, “mesmo assim, Tecla não se movia e continuava encantada com a pregação de Paulo” (10.1-2). O texto refere que Tecla estava “de olhos cabisbaixos” e “paralisada” (10.1-2), o que leva o autor a compará-la a uma aranha que fica presa numa janela (9.2). Teocleia não tem dúvidas de que a “a virgem está conquistada” (9.2).

Apesar do contexto adverso, Tamírides não desiste e tenta fazer alguma coisa para inverter o panorama. Primeiro, reúne-se com vários homens, incluindo os companheiros de Paulo, Dimas e Hermógenes, para obter algumas informações a respeito do apóstolo. Depois toma a decisão de denunciá-lo ao governador, acusando Paulo de corromper as “almas das virgens da cidade, para que não se casem” (11.2). Tamírides estava “possuído de ciúme e de cólera”, ζήλου καὶ θυμοῦ (15.1), algo que, de certa forma, se assemelha a Aquiles na *Ilíada*. Tecla comparece diante do governador e este faz-lhe uma pergunta curiosa: “Porque não te casas com Tamírides, conforme as leis de Icónio?” (20.2)⁴. Mas Tecla continuava

⁴ Trata-se, muito provavelmente, das leis *lex Iulia de adulteriis coercendis* (de 18 a.C.) e da *lex Iulia de maritandis ordinibus* (de 18 a.C., que depois foi revista em 9 d.C. com a *lex Papia Poppaea*). Cláudia Teixeira refere que “estas leis, que tinham por objectivos imediatos regular e proteger o matrimónio e incentivar natalidade, são também consideradas a consequência de uma tentativa de reintrodução de valores conservadores em um quadro social que, desde o final da República, se tinha modificado no tocante aos comportamentos e práticas sociais.” (Teixeira, 2009, p. 361. Ver todo o artigo, pp. 361-366) “page”: “361-66”, “publisher”: “Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Imprensa da Universidade de Coimbra/Centro de História da Universidade de Lisboa”, “publisher-place”: “Coimbra/Lisboa”, “title”: “Casamento, adultério e sexualidade no Direito Romano: o caso particular da Lex Iulia de Maritandis Ordinibus e da Lex Iulia de Adulteris Coercendis.”, “author”: “{{‘family’: ‘Teixeira’, ‘given’: ‘Cláudia’}}”, “editor”: “{{‘family’: ‘Ramos’, ‘given’: ‘José Augusto’}}, {{‘family’: ‘Fialho’, ‘given’: ‘Maria do Céu’}}, {{‘family’: ‘Rodrigues’, ‘given’: ‘Nuno Simões’}}”, “issued”: “{{‘date-parts’: [‘2009’]}}”, “schema”: “https://github.com/citation-style-language/schema/raw/master/csl-citation.json”}.

remetida ao silêncio. Perante esta situação, o governador decide condenar Tecla à fogueira. No episódio, Tecla vê “o Senhor sentado na figura do apóstolo” (21.2). Alguns autores alegam que a cena da aparição de Jesus tem alguns elementos amorosos⁵. A jovem escapa milagrosamente e vai com Paulo para Antioquia da Pisídia (Bremmer, 1996, pp. 37-49).

É naquela cidade que se cruza com um homem chamado Alexandre (26.1; para uma análise desta perícope, ver Kötzl, 2005, pp. 91-109). Alexandre era, de acordo com o texto, “um cidadão importante” (26.1). Ele sentia-se atraído (ἠράσθη) pela beleza de Tecla, ao ponto de ter a ousadia de abraçá-la no meio da rua (26.1). O verbo aqui utilizado é ἐράω que significa “desejar; estar apaixonado por”, contendo uma clara conotação sexual. Incomodada com o sucedido, Tecla “tirou-lhe a coroa da cabeça” (26.2) e expôs Alexandre “ao ridículo” (26.2). Mais uma vez, o ciúme toma conta da história (27.1). Tendo em conta o que se passou, Tecla é novamente condenada. Combater com as feras foi a sentença atribuída à jovem de Icónio (27.2). A filha de Teocleia escapou incólume. Os casos de Tamírides e Alexandre, embora semelhantes em alguns aspetos, parecem ser distintos na forma como ambos pretendem conquistar Tecla. Tamírides tenciona ser o futuro esposo de Tecla. Relembramos que a jovem de Icónio fora prometida em casamento a Tamírides (7.1; 10.1). O vocabulário aplicado a este amor de Tamírides por Tecla não valoriza, em nosso entendimento, tanto a dimensão erótica ou sexual. Tamírides faz “tudo por amor a Tecla e para a possuir como esposa” (13.1). Tamírides vive angustiado pelo desinteresse dela. E não era para menos, pois ela estava prestes a romper com o noivado (13.2). Tamírides sabe que Tecla “ama (φιλεῖ) esse estrangeiro [Paulo]” (13.2) e está “acorrentada pelo amor” (στοργή, amor; desejo; ver o verbo στέργω, sentir desejo por; paixão sexual) por Paulo (19.1).

Com Alexandre temos algo um pouco diferente. Atente-se no já mencionado contacto físico, o abraço, que nos remete para o desejo sexual. Este homem, não obstante o facto de sentir-se “atraído”, ἠράσθη (26.1) por Tecla, também a amava (φιλῶν αὐτήν, 27.1). Isto significa que havia uma atração física da parte de Alexandre (ἐράω), mas também um amor (φιλέω) em parte idêntico ao de Tamírides. No primeiro caso, Tamírides tinha ciúmes de Paulo, mas na perícope com Alexandre, o homem de Antioquia nutriu o mesmo sentimento pelo facto de ter sido rebaixado por Tecla (Bremmer, 1996, pp. 50-56). É curiosa e até paradoxal a forma como Tecla rejeita estes dois homens, porque o mesmo já não acontece em relação a Paulo. Também aqui há vocabulário romanceado. Repare-se que Tecla “desejava (ἐπεπόθει, do verbo ἐπέπω, “seguir um exemplo”) também considerar-se digna de estar na presença de Paulo” (7.2), “sentia-se atraída pela fé” (7.2), estava “dominada por um novo desejo e uma perigosa paixão (ἐπιθυμία (apetite/desejo sexual) καινῇ καὶ πάθει δεινῷ (9.2) e “desejava (ἐπεπόθει) muito rever Paulo” (40.1, ver Jackson-McCabe, 2010, pp. 275-276). Tecla está encantada por Paulo e pelos seus “discursos sedutores e obscuros” (8.2). Neste sentido, parece haver traços

⁵ Outi Lehtipuu considera que “the story has often been seen as a love triangle between Thecla, her fiancé, and, indeed, who? Is Thecla’s partner and the object of her emotions Paul, Christ, or God?” (Lehtipuu, 2022, p. 152).

de erotismo e atração pelo apóstolo (Kotrosits, 2018, pp. 343-366). Todavia, Sarah Parkhouse desfaz todas as dúvidas e refere que não havia nenhum desejo sexual da parte de Tecla, embora o vocabulário aplicado nos leve a pensar o contrário. Segundo a autora, ela está, sim, perdida de amores pelos ensinamentos do apóstolo (Parkhouse, 2017, p. 577), como demonstra a aplicação do verbo ἐπέπω em 7.2.

Conclusão: Para uma releitura da *Iliáda* e dos *Atos de Paulo e Tecla*

Que relação se pode estabelecer entre os dois *corpora*? Obviamente que a história de Agamémnon, Aquiles e Briseida não tem o mesmo fim que o agitado caso de Tamírides, Alexandre e Tecla. Mas os *topoi* estão bem presentes e a narrativa apócrifa cristã, parece-nos, foi buscar o essencial da epopeia homérica: homens que disputam uma mulher ou, se quisermos, homens perdidos de amor por uma mulher. Para falarmos de *topoi* precisamos, obrigatoriamente, de falar na componente lexical dos dois textos. No que diz respeito ao vocabulário, nota-se que os *Atos de Paulo e Tecla* recorrem a expressões frequentes na *Iliáda* (veja-se a Tabela 1 – “Afinidades temático-linguísticas entre a *Iliáda* e os *Atos de Paulo e Tecla*”). Por exemplo, a cólera de Aquiles (*Il.* 9.260) é semelhante à de Tamírides (*Acts Paul* 15.1): θυμός. O mesmo se pode dizer em relação ao ciúme. Também o choro de Aquiles perante a partida forçada de Briseida é semelhante ao choro de Tamírides ao ver que Tecla não é capaz de escutá-lo (cf. *Il.* 1.349 e *Acts Paul* 10.2). Aludimos igualmente à promessa de casamento de Tamírides com Tecla (*Acts Paul* 7.1) e ao lamento de Briseida pela morte de Pátroclo, em que a donzela de Lirnesso lembra a promessa que ele fez para que Briseida se pudesse tornar “a esposa legítima de Aquiles” (*Il.* 19.299). Nem a parte erótica foi descurada. O desejo e a atração de Alexandre relacionam-se, em certa medida, com o que Aquiles diz sobre Agamémnon a respeito de Briseida (*Il.* 9.336: “Que durma com ela e tire o seu prazer”). Também há que referir a ausência de práticas sexuais enquanto Briseida esteve na tenda de Agamémnon (*Il.* 19.261-63) e a salvaguarda da castidade do corpo de Tecla (*Acts Paul* 25.2; 31.2).

Tanto Tecla como Briseida são mulheres dependentes dos homens até determinadas fases das narrativas: Tecla conseguirá tornar-se independente por via do cristianismo e da mensagem autonomizante de Paulo. Já Briseida fica com Aquiles. Quer num como noutro caso, sobressai o amor e o interesse de dois homens por duas mulheres. Assim sendo, concluímos que as histórias de Aquiles, Agamémnon e Briseida, na *Iliáda*, e Tamírides, Alexandre e Tecla, nos *Atos de Paulo e Tecla*, apresentam alguns elos de ligação, particularmente na forma como conquistar uma mulher, uma vez que as personagens recorrem a estratégias idênticas. No entanto, será o texto homérico a deixar uma importante mensagem ao lembrar que, apesar de se poder fazer tudo (ou quase tudo) por uma mulher, elas merecem ser tratadas com estima e amor, sobretudo por homens bons e “no seu perfeito juízo” (*Il.* 9.342).

Anexo

Topos(oi)	Ilíada (Il.)	Atos de Paulo e Tecla (Acts Paul)
Cólera	Cólera de Aquiles (9.260)	Cólera de Tamírides (15.1)
Ciúme	Ciúmes de Agamémnon (1.181-87)	Ciúmes de Alexandre (27.1)
Cobiça	Agamémnon cobiça Briseida (1.322-23)	Alexandre atraído por Tecla (26.1)
Beleza	“Briseida de lindo rosto” (e.g. 1.184)	A formosura de Tecla (29.2; 34.2)
Angústia/ sofrimento	“Por causa dela [Briseida] estava Aquiles deitado em sofrimento” (2.693)	“Porque passo [Tamírides] muitas angústias por Tecla” (13.2)
Tristeza/choro	“Aquiles rompeu a chorar” (1.349)	Choro de Tamírides (10.2)
Amor/desejo/ atração	Aquiles ama e deseja Briseida (9.342-43) Agamémnon resistiu à atração que sentia por Briseida (19.258-65)	Tecla deseja ver/estar com Paulo (7.1; 9.2; 40.1). Tecla estava “acorrentada pelo amor” (19.1) Alexandre sentia-se atraído por Tecla (26.1)
P r o m e s s a d e c a s a m e n t o	“(…) mas prometeste que me farias a esposa legítima de Aquiles” (19.299)	“Tecla (…), que já tinha sido prometida em casamento por Tamírides” (7.1)

Tabela 1 - Afinidades temático-linguísticas entre a *Ilíada* e os *Atos de Paulo e Tecla*

Referências bibliográficas

Fontes:

- André, C. A. (2006a). Ovídio. *A Arte de Amar*. Cotovia.
 André, C. A. (2006b). Ovídio. *Amores*. Cotovia.
 Lourenço, F. (2012). Homero. *Iliada* (5th ed.). Cotovia.
 Murray, A. T. (1963). *The Iliad* (Vol. 1–2). William HeineMann Ltd; Harvard University Press.
 Piñero, A., & Cerro, G. del. (2005). *Hechos Apócrifos de los Apóstoles. Hechos de Pablo e Tomás* (Vol. 2). Biblioteca de Autores Cristianos.

Obras gerais e estudos específicos:

- Bain, K. (2011). Socioeconomic Status in Early Christianity and Thecla's Rejection of Marriage. *Journal of Feminist Studies in Religion*, 27(2), 51–69. URL: <https://doi.org/10.2979/jfemistudreli.27.2.51>
- Bremmer, J. N. (1996). Magic, Martyrdom, and Women's Liberation in the Acts of Paul and Thecla. In J. N. Bremmer (ed.), *The Apocryphal Acts of Paul and Thecla* (pp. 36–59). Pharos Publishing House.
- Bremmer, J. N. (1998). The Novel and the Apocryphal Acts: Place, Time and Readership. In H. Hoffmann & M. Zimmerman (eds.), *Groningen Colloquia on the Novel IX* (pp. 157–180). Forsten.
- Brown, P. (1988). *The Body and Society: Men, Women, and Sexual Renunciation in Early Christianity*. Columbia University Press.
- Clark, E. A. (1995). Antifamilial Tendencies in Ancient Christianity. *Journal of the History of Sexuality*, 5(3), 356–380.
- Cooper, C. (1995). Hyperides and the Trial of Phryne. *Phoenix*, 49(4), 303–318. URL: <https://doi.org/10.2307/1088883>
- Diggle, J. (ed.). (2021). *The Cambridge Greek Lexicon* (Vol. 1–2). The Cambridge University Press.
- Duè, C. (2002). *Homeric Variations on a Lament by Briseis*. Rowman & Littlefield Publishers.
- Duè, C. (2007). Learning Lessons from the Trojan War: Briseis and the Theme of Force. *College Literature*, 34(2), 229–262.
- Elliott, J. K. (2018). The Apocryphal Acts and the Ancient Novel: Literary Parallels to Early Non-Canonical Christian Writings. *The Expository Times*, 129(11), 495–503. URL: <https://doi.org/10.1177/0014524618757909>
- Fantuzzi, M. (2012). *Achilles in Love: Intertextual Studies*. Oxford University Press.
- Felson, N., & Slatkin, L. M. (2004). Gender and Homeric epic. In R. Fowler (ed.), *The Cambridge Companion to Homer* (pp. 91–114). Cambridge University Press.
- Frenschkowski. (2017). Domestic religion, family life and the apocryphal Acts of the Apostles. *Archiv Für Religionsgeschichte*, 18(1), 123–155.
- Grimal, P. (2005). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana* (5th ed.). Bertrand Brasil.
- Hertel, D. (2011). The Myth of History: The Case of Troy. In K. Dowden & N. Livingstone (Eds.), *A Companion to Greek Mythology* (pp. 425–441). Wiley-Blackwell.
- Jackson-McCabe, M. (2010). Women and Eros in Greek Magic and the Acts of Paul and Thecla. In S. P. Ahearne-Kroll, P. A. Holloway, & J. A. Kelhoffer (eds.), *Women and Gender in Ancient Religions: Interdisciplinary Approaches* (pp. 267–278). Mohr Siebeck.
- Kotrosits, M. (2018). Penetration and Its Discontents: Greco-Roman Sexuality, the Acts of Paul and Thecla, and Theorizing Eros without the Wound. *Journal of the History of Sexuality*, 27(3), 343–366. URL: <https://doi.org/10.7560/JHS27301>
- Kötzel, M. (2005). Thecla und Alexander – oder Kleider machen Leute: Dramatische Ouvertüre des Antiochia-Zyklus. In M. Ebner (ed.), *Aus Liebe zu Paulus? Die Akte Thekla neu aufgerollt* (pp. 91–109). Katholisches Bibelwerk.
- Lateiner, D. (2004). The Iliad: An unpredictable classic. In R. Fowler (ed.), *The Cambridge Companion to Homer* (pp. 11–30). Cambridge University Press.
- Lehtipuu, O. (2022). *Apostolic Authority in the Acts of Thecla* (O. Lehtipuu & S. Petersen, Eds.; pp. 147–164). SBL Press.
- Létoublon, F. (2011). Homer's Use of Myth. In *A Companion to Greek Mythology* (pp. 27–45). Wiley-Blackwell.

- MacDonald, D. R. (1994). *Christianizing Homer: The Odyssey, Plato and the Acts of Andrew*. Oxford University Press.
- Míguez Barciela, A. (2010). La dualidad de Aquiles y Agamenón en la trama de la *Ilíada*. *Ágora. Estudos Clássicos Em Debate*, 12, 9–35.
- Molli, L. (2022). Just a pale shadow? The characterization of Briseis in Homer's *Iliad*. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*, 61(1), 1–9. URL: <https://doi.org/10.1556/068.2021.00001>
- Parkhouse, S. (2017). The Fetishization of Female Exempla: Mary, Thecla, Perpetua and Felicitas. *New Testament Studies*, 63(4), 567–587. URL: <https://doi.org/10.1017/S0028688517000157>
- Rocha Pereira, M. H. (2014). *Estudos sobre a Grécia Antiga. Artigos*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian.
- Rodrigues, N. S. (2006). E Afrodite foi à guerra. A mulher e a guerra segundo a *Ilíada*. In A. R. dos Santos & J. Varandas (eds.), *A Guerra na Antiguidade* (pp. 103–123). Caleidoscópio/Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Rodrigues, N. S. (2013). The ambiguity of the public and the private spheres in the Athenian polis of the Tyrannicides and Pericles. *Res Antiquitatis*, 4, 79–91.
- Snyder, J. (2021). Thinking with the Apostles about Sex, Intermarriage, and the Minority Experience. In T. Nicklas, J. E. Spittler, & J. Bremmer (eds.), *The Apostles Peter, Paul, John, Thomas and Philip with their Companions in Late Antiquity* (pp. 100–117). Peeters.
- Teixeira, C. (2009). Casamento, adultério e sexualidade no Direito Romano: O caso particular da Lex Iulia de Maritandis Ordinibus e da Lex Iulia de Adulteris Coercendis. In J. A. Ramos, M. do C. Fialho, & N. S. Rodrigues (eds.), *A Sexualidade no Mundo Antigo* (pp. 361–366). Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Imprensa da Universidade de Coimbra/Centro de História da Universidade de Lisboa.
- Ubieta Bernabé, C. (2022). Ways of Life in the Apocryphal Acts of Apostles: Chastity as Autonomy? In O. Lehtipuu & S. Petersen (eds.), *Ancient Christian Apocrypha. Marginalized Texts in Early Christianity* (pp. 127–145). SBL Press.
- Wright, I. (2016). The Wife of Achilles. *Mnemosyne*, 69(1), 113–118.

Resumo

Briseida, “cuja beleza igualava a da dourada Afrodite” (*Il.* 19.282), é uma das principais personagens da *Ilíada* que está na origem da discórdia entre Aquiles e Agamémnon. No ataque a Lirnesso, o guerreiro Aquiles capturou a bela jovem, por quem se afeiçoou. No entanto, o rei de Micenas quis recuperar a donzela Briseida, o que fez aumentar ainda mais a cólera do herói. Aquiles acusa Agamémnon de ter ficado com a mulher que lhe suscitava maior interesse. Para acalmar a ira de Aquiles, o ancião Nestor, que desaprovava a atitude do Atrida, aconselha-o a oferecer presentes ao guerreiro lesado. Agamémnon faz um juramento em que restitui Briseida a Aquiles, confessando ainda nunca se ter deitado com ela na cama (*Il.* 19.262). Os *Atos de Paulo e Tecla*, um texto apócrifo dos séculos II/III d.C., narram a história de uma jovem, também ela bela e importante, chamada Tecla, que vivia em Icônio. Tamírides era um homem de relevo da cidade a quem Tecla fora prometida em casamento. Porém, com a chegada do apóstolo Paulo, os planos mudaram radicalmente. A jovem abdica do enlace matrimonial e converte-se ao cristianismo. Como consequência, ela é condenada à fogueira. Escapando à sentença, Tecla vai para Antioquia da Pisídia, onde se cruza com Alexandre, outro homem que a cobiça e se perde de amores por ela, mas sem sucesso. O resultado foi uma nova condenação, desta feita *ad bestias*. Face ao caos que se tinha gerado, o governador decide libertá-la. Com este trabalho, pretendemos estudar a possível receção do *topos* homérico no texto apócrifo cristão, em que uma mulher bela é disputada por vários homens movidos pelo amor e, simultaneamente, pelo ciúme e pelo desejo de vingança.

Abstract

Briseis, “like golden Aphrodite” (*Il.* 19.282), one of the main characters in *Iliad*, is the center of the strife between Agamemnon and Achilles. On Lyrnessus’ attack, Achilles captured the beautiful woman by whom to take a liking. However, the Mycenaean’s king wanted to recover the girl Briseis, attitude that increasing the anger of the hero. Achilles blames Agamemnon because he won the girl. To calm down the situation, Nestor, the old man, advises Agamemnon to offer gifts for Achilles. The Athridae delivers Briseis and do a swear: he never slept with her. The *Acts of Paul and Thecla*, an apocryphal text of the second/third century CE, tell the story of a pretty woman named Thecla who lived in Iconium. Thamyris is an important man of the city and Thecla was betrothed to him. When Paul arrives to the city, the plans of the young fiancé change quickly. Thecla break off the engagement and become Christian. She is condemned to the fire. Then, she survives and go with Paul to Antioch of Pisidia. In this city, a relevant man named Alexander wants to conquer her, but with no success. Another condemnation, but Thecla run way again. The purpose of this paper is to study the possible reception of the Homeric topic in the apocryphal Christian text, which a beautiful girl is disputed by several men that fell love and, at the same time, jealousy and the desire of revenge.